

RESUMO EXPANDIDO

O CINEMA ASIÁTICO NO CONTEXTO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO XXI E A LUTA PELA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO MODO DE VIDA

José de Lima Soares¹

Este artigo tem o objetivo de promover uma reflexão sociológica sobre o cinema asiático no contexto da precarização do trabalho no século XXI e a luta pela construção de um novo modo de vida. A partir de uma perspectiva teórica crítica, procuro apreender os impactos da precarização estrutural do trabalho na vida da classe trabalhadora e identificar a forma como estas obras têm conseguido captar as determinações do novo mundo do trabalho, em especial, o fenômeno da precarização da vida. Para tal reflexão, tomo como referência três filmes: inicialmente, procuro analisar o filme *Behemoth* (Gigante, 2015), do cineasta chinês Zhao Liang; em seguida, o foco é o documentário *Máquinas – A indústria têxtil na Índia* (2016), de Rahul Jain, e, por fim, o *China Blue* (2005), de Micha Peled. Os três filmes são do gênero documentário e têm em comum a maneira pela qual os diretores apresentam a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, além da precarização do trabalho em pleno século XXI. Com isso, nossas pesquisas têm indicado que o novo cinema do trabalho tem se mostrado fecundo em apreender, por meios estéticos, a complexidade do novo mundo do trabalho e da precarização da vida, trazendo, dessa forma, importantes contribuições para que possamos compreender as principais contradições e desafios de nosso tempo histórico.

Palavras-chave: Cinema Asiático; Precarização do Trabalho; Modo de vida.

1. Introdução

Conforme expressei, em outro trabalho, defendo a ideia de que o cinema pode trazer importantes contribuições para pensar um o mundo do trabalho que se propõe a pensar indivíduos concretos, que se constituem em sociedade, em relações sociais concretas. O novo cinema do trabalho é hoje uma das expressões mais vivas das contribuições que arte pode nos oferecer no contexto da lógica destrutiva do capital. Dessa forma, a arte pode enriquecer o nosso conhecimento profundo acerca de problemas humanos específicos de um determinado momento histórico em um determinado contexto sociopolítico. No caso do novo cinema do trabalho, as contribuições são fartas dentro de uma vasta filmografia. Enfim, sob os olhos de Benjamin (1987), o cinema na era da reprodutibilidade técnica, ao inaugurar uma nova função social da arte, contribuiu de forma positiva para o aprofundamento da percepção do homem moderno, que já vinha sendo construído pelo ritmo frenético das grandes cidades e da industrialização. Podemos observar tudo isso, a partir de uma legião de diretores contemporâneos como os irmãos Dardenne (*Dois dias, uma noite* e *Rosetta*); o mestre Ken Loch, com sua trilogia (*Eu, Daniel Blake, Você não estava aqui* e, agora, *O último pub*); Fernando León de Aranoa (*Segunda-feira ao sol* e *O bom patrão*); Marcelo Piñeyro (*El metodo – O que você faria*); Laurent Cantet (*A Agenda* e *Recursos humanos*); Costa Gavras (*O corte*); Affonso Uchoa e João Dumans (*Arábia*), entre outros.

O cinema sempre cumpriu um papel relevante na sociedade capitalista, constituindo-se em uma das ferramentas mais eficazes para abordar a luta de classes, além de servir como denúncia da exploração, apontar as desigualdades, bem como de outras questões sociais. O novo cinema do trabalho do cineasta chinês Zhao Liang expressa realmente isso. Como se

¹ Doutor em Sociologia pela UnB, professor associado do Instituto de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Email: josesoares@ufcat.edu.br

estivesse usando o slogan “uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”, de Glauber Rocha, Zhao Liang viajou com a câmera a tiracolo através das vastas pradarias da região autônoma chinesa de Mongólia para denunciar apenas com imagens a devastação causada pelo desenvolvimento do planeta no documentário *Behemoth*. A transformação de belos planaltos e campos em terras áridas cobertas de poeira e cinzas resultantes da exploração das minas de carvão, o barulho infernal das mineradoras, o calor abrasador das usinas, o silêncio das cidades-fantasma, resultam em um manifesto ecológico e poético. Autor de inúmeros documentários sobre a face obscura da China, da burocracia autoritária, Liang oferece desta vez, com imagens reais, um trabalho artístico, com uma fotografia espetacular, que resulta também numa denúncia esmagadora da destruição do planeta pelo homem e sua ideia de desenvolvimento econômico. Sob uma temperatura de deserto, os acidentes, as contaminações do corpo produtivo, as mutilações, as mortes são o cenário real, a *protoforma* que plasma o mundo virtual com suas tecnologias da informação (Antunes, 2022). Liang emprega o vermelho para entrar no inferno das usinas, com operários que trabalham em altas temperaturas sem qualquer proteção, o cinzento das minas de carvão cobrindo as grandes planícies e provocando doenças pulmonares e o céu azul para o paraíso, uma gigantesca cidade completamente desabitada, o próprio diretor trabalhou em condições precárias, muito difíceis, e sem autorização.

Já, em *Máquinas*, o diretor Rahul Jain, oferece uma crítica contundente à indústria têxtil na Índia, explorando as complexas dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que cercam esse setor importante da economia capitalista. O longa-metragem mergulha na vida dos trabalhadores das fábricas, expondo as condições precárias e as injustiças que muitas vezes são esquecidas na busca incessante pelo lucro. A narrativa é centrada em um jovem protagonista que, ao ingressar em uma fábrica têxtil, se depara com a dura realidade do trabalho. O filme retrata não apenas o ambiente opressivo das fábricas, mas também as relações interpessoais que se desenvolvem entre os trabalhadores, suas famílias e os proprietários das indústrias. O sindicato é pelego e faz parceria com o patronato, o que torna a situação desesperadora. A tensão entre a luta por direitos e a exploração é palpável, levando o espectador a refletir sobre as consequências sociais da globalização e da produção em massa. *Máquinas* é impressionante, com uma cinematografia que capta tanto a beleza das paisagens indianas quanto a brutalidade do ambiente fabril. A trilha sonora complementa a narrativa, intensificando as emoções e os momentos de luta dos personagens. Além de sua mensagem social, o filme também provoca uma reflexão sobre a identidade e a resistência. Os personagens são multifacetados, com sonhos e aspirações que vão além das paredes da fábrica. Essa humanidade torna a história ainda mais envolvente, permitindo que o público se conecte emocionalmente com suas experiências. Em suma, *Máquinas* é mais do que apenas um filme sobre a indústria têxtil; é um poderoso chamado à ação e à consciência sobre as realidades que muitos enfrentam em busca de uma vida digna. Com uma combinação de narrativa impactante, atuações convincentes e uma estética poderosa, o filme se destaca como uma obra que expressa agudamente o que Marx chamou de processo de subsunção formal e real do trabalho ao capital.

O documentário *China Blue*, mostra o desenfreado mercado financeiro disputando espaços em todo o mundo. A indústria chinesa vislumbra tão somente o lucro em contrapartida menospreza os funcionários de forma degradante, tudo em nome da lucratividade impetrada pelo capitalismo globalizado. Podemos observar a forma de gerenciar as fábricas de Jeans na China, com destaque para a forma desumana, onde são mascarados todos os direitos trabalhistas possíveis conforme a OIT - Organização Internacional do Trabalho, a exemplo os cartões de pontos com duas fases, sendo uma registrando o horário real e a outra para atender

as normas, sem falar que nunca a jornada de trabalho seria inferior a 12 (doze) horas. Os empresários alegando a competição, onde o objetivo é alcançar custos reduzidos de produção e lucros cada vez maiores, a diminuição do preço do produto é alcançada pela subtração de direitos dos trabalhadores e trabalhadoras (Letizia, 2012; Soares, 2012). As fábricas de Jeans optam por contratar a maioria absoluta de mulheres por ter nas mesmas a obediência necessária para explorá-las. Retrata a realidade de operárias chinesas numa pequena fábrica têxtil de jeans, cuja produção globalizada as joga num mundo do trabalho marcado pela precarização e exploração por parte das empresas transnacionais. *China Blue* mostra o cotidiano dessas fábricas do sudoeste da China, com adolescentes retiradas de suas aldeias para sobreviver em cruéis condições de trabalho.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o cinema asiático tendo como recurso metodológico o materialismo histórico. Com essa perspectiva metodológica, procuramos compreender o cinema a partir das relações sociais em que ele foi produzido; ou seja, a produção filmica deve ser entendida como uma criação coletiva desenvolvida no conjunto das relações sociais (Viana, 2009). Com isso, é possível compreender como a concepção materialista da história pode contribuir para a reconstituição da história do cinema e da produção filmica mediante a teoria do capitalismo e de suas transformações, bem como da luta de classes que está na sua base, em nossa contemporaneidade.

3. Considerações finais

Temos consciência de que não bastaria apenas criar as condições para o conhecimento da realidade, sendo também necessário construir este desenho abstrato-conceitual da própria realidade, vislumbrando, assim, a construção de propostas concretas e efetivas de intervenção no mundo social. Para tanto, no plano prático, pretende-se operacionalizar a proposta de artesanato intelectual (Mills, 1975), ativando artérias e jorrando imaginação sociológica para a construção das novas questões e possibilidades explicativas para problemas aqui apresentados. Este trabalho buscou demonstrar as possibilidades de abordagem das questões relacionadas ao mundo trabalho, por meio do cinema asiático como recurso pedagógico com potencial para ativar a experiência crítica dos sujeitos da classe trabalhadora, conduzindo-os individual e coletivamente a atitudes de transformação da realidade cotidiana. Se é *vero*, como sugeria Benjamim (1987), que o comunismo responde ao fascismo com a politização da arte, o cinema do trabalho pode vir a se tornar em um instrumento de transformação para a “classe que vive do trabalho” contra o capital e na construção de um novo modo de vida.

4. Referências

- ANTUNES, R. Capitalismo pandêmico. São Paulo: Boitempo, 2022.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1).
- JAIN, R. Máquinas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=erulaed6Y3A>. 2016.
- LETIZIA, V. A grande crise rastejante. São Paulo: Ed. Caros Amigos, 2012.
- LIANG, Z. Behemoth. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kZV82YCp72c>. 2015.
- MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- PELED, M. China blue. <https://www.youtube.com/watch?v=yZv0rporNZ0>. 2005.
- SOARES, J. de L. A situação das trabalhadoras na china: do despotismo fabril à exploração da força de trabalho. OPSIS, Catalão, v. 12, n. 1, p. 411-419 - jan./jun. 2012.

VIANA, N. A concepção materialista da história do cinema. Porto Alegre: Ed. Asterisco, 2009.